

opusdei.org

Aprender a tratar a Deus na Missa

São Josemaria recebeu o sacramento da ordem no dia 28 de março de 1925. Se já desde antes o centro da sua vida era a eucaristia, a partir deste momento o foi de modo especial. Por ocasião desta data oferecemos um estudo sobre a Santa Missa com base nos seus ensinamentos.

27/03/2023

Oferecemos a tradução de um estudo publicado no boletim Romana, com

reflexões sobre a liturgia da Santa Missa a partir de alguns dos escritos de São Josemaria.

“A Trindade enamorou-se do homem, elevado à ordem da graça e feito à *sua imagem e semelhança* (Gn 1,26), redimiou-o do pecado – do pecado de Adão que recaiu sobre toda sua descendência, e dos pecados pessoais de cada um – e deseja vivamente morar em nossa alma: *Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e viremos a ele e nele faremos nossa morada* (Jo 14,23)”^[1]. Estas palavras de uma homilia de São Josemaria, da Quinta Feira Santa de 1960, refletem a sua profunda compreensão do mistério eucarístico como um exagero de amor da Trindade, que deseja aproximar-se dos homens.

Cada um de nós é chamado a ser morada de Deus. Este sonho pode tornar-se realidade, se nos transformamos em Cristo, se vivemos a sua vida^[2] e nos tornarmos uma só coisa com ele. Esta identificação realiza-se de modo singular graças à Eucaristia^[3]. Na vida e nos ensinamentos de São Josemaria notamos uma percepção da força transformadora da Eucaristia, da transcendência da Santa Missa para a existência cristã, como se reflete mais adiante na mesma homilia: “Talvez nos tenhamos perguntado algumas vezes como podemos corresponder a tanto amor de Deus; talvez nesses momentos tenhamos desejado ver claramente exposto um programa de vida cristã. A solução é fácil e está ao alcance de todos os fiéis: participar amorosamente da Santa Missa, aprender na Missa a ganhar intimidade com Deus, porque neste Sacrifício se encerra tudo o que o Senhor quer de nós”^[4].

“Aprender na Missa a tratar a Deus”. Assim se expressa a convicção de que os ritos litúrgicos através dos quais se desenvolve a celebração eucarística têm um valor pedagógico para os fiéis^[5]. É lógico considerar isso assim, porque “é na Missa que fica manifesto de modo diáfano que a resposta à entrega de Deus deve ser a de um amor total, com todo o coração, com todas as forças, até dar a vida”^[6]. Neste artigo, propomos destacar a aguda consciência que São Josemaria tinha da força transformadora da Santa Missa para os fiéis comuns. São muitos os seus ensinamentos sobre isso e frequentes em seus escritos. Decidimos, por isso, neste trabalho, focar a atenção especialmente na homilia “**A Eucaristia, mistério de fé e de amor**”^[7] na qual, seguindo as diferentes partes da celebração eucarística São Josemaria propõe consequências para a vida espiritual dos cristãos.

1. O valor mistagógico do rito

O Fundador do Opus Dei sugere um modo concreto de assistir às lições da escola de vida que é a Eucaristia:

“Desejaria recordar agora o desenrolar das cerimônias litúrgicas, que tantas vezes temos observado. Seguindo-as passo a passo, é bem possível que o Senhor nos faça descobrir em que aspectos devemos melhorar, que vícios extirpar, como deve ser o nosso relacionamento fraterno com todos os homens”^[8].

Podemos afirmar que São Josemaria dispõe-se de certa forma a *falar* aos fiéis sobre a Missa, não de um modo discursivo, mas *mistagógico*, a partir dos ritos^[9]. E é lógico que seja assim, pois a extensa e profunda realidade dos efeitos espirituais da Santa Missa não deve transcorrer de modo autônomo e independente dos textos e ritos que escalonam a celebração^[10].

A atenção ao sentido dos ritos esteve presente com frequência no Magistério da Igreja durante o século XX. Pio XII diz a esse respeito: “Não têm, pois, noção exata da sagrada liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos”^[11]. Pelo contrário, como recorda a doutrina conciliar da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, na liturgia, “obra através da qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens santificados, Cristo associa sempre consigo sua amadíssima esposa a Igreja, que invoca seu Senhor e por ele tributa culto ao Pai Eterno. A liturgia é, pois, considerada, com razão, o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo. Neste exercício, os sinais sensíveis

significam e realizam, cada um a seu modo, a santificação do homem, e assim o Corpo místico de Jesus Cristo, quer dizer, a Cabeça e seus membros, exerce o culto público íntegro”^[12].

Nesta mesma linha, São Josemaria ressaltou, desde os começos de sua pregação, o potencial santificador do mistério do culto cristão^[13].

A liturgia é, por conseguinte, “o lugar privilegiado do encontro dos cristãos com Deus e com quem ele enviou, Jesus Cristo”^[14]. Um encontro que “se expressa como um diálogo através de ações e palavras”^[15], sob os sinais visíveis que a sagrada liturgia utiliza e que são escolhidos por Cristo ou pela Igreja, significando realidades divinas invisíveis^[16].

Assim, pois, as palavras e os gestos da liturgia têm uma importância particular que requer a participação interior dos fiéis, como se depreende do n. 543 de *Caminho* “viste-me

celebrar a Santa Missa sobre um altar desnudo – mesa e ara – sem retábulo. O Crucifixo, grande. Os castiçais, maciços, com tochas de cera escalonadas: mais altas junto da Cruz. Frontal da cor do dia. Casula ampla. O cálice, severo de linhas, de copa larga e rico. Ausente a luz elétrica, cuja falta não notamos. – E te custou sair do oratório: estava-se bem ali. Vês como leva a Deus, como aproxima de Deus o rigor da liturgia?”^[17]. E Arocena comenta: “O texto reflete a sensibilidade mistagógica do autor: os signos dos mistérios de Cristo levam a ele. Vivida com autenticidade, a celebração constitui a mediação e ao mesmo tempo, a catequese mais eloquente do seu mistério”^[18].

2. A Missa, encontro filial de amor

Esta epígrafe pressupõe duas considerações fundamentais. Por um lado, que a Santa Missa, como todo

encontro, é uma questão entre duas pessoas: Cristo realmente presente e nós, participantes da celebração que, cristificados pela efusão do Espírito Santo nos reconhecemos filhos de Deus, filhos no Filho com direito e com o dever de apresentar-nos e oferecer-nos com Cristo ao Pai. Trata-se de um encontro especial: um encontro de enamorados. Por isso, São Josemaria descrevia a Santa Missa como uma “corrente trinitária de amor”^[19], à qual o cristão procura agregar-se com “um amor filial empapado de espírito sacerdotal”^[20].

Na Eucaristia, com efeito, “está contido verdadeira, real e substancialmente o corpo e o sangue, juntamente com a alma e a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo e, portanto, o Cristo inteiro”^[21]. Por isso “a fé nos pede que estejamos diante da Eucaristia com a consciência de estarmos diante do próprio Cristo. De maneira exata, a

sua presença dá às outras dimensões – de banquete, de memória da Páscoa, de antecipação escatológica – um significado que ultrapassa em muito um mero simbolismo. A Eucaristia é mistério de presença, por meio do qual se realiza de modo absoluto a promessa de Jesus de permanecer conosco até o fim do mundo”^[22].

Toda esta maravilha manifesta a proximidade, a preocupação, o amor de Deus pelos homens. São Josemaria, recorda Dom Javier Echevarría, “ensinou-nos a assumir a fé na presença real de Jesus Cristo na Eucaristia com plenitude, de modo que o Senhor entre na nossa vida verdadeiramente, e nós na sua, que o olhemos e o contemplemos — com os olhos da fé — como a uma pessoa realmente presente: que nos vê, que nos ouve, que nos espera, que nos fala, que se aproxima e nos busca,

que se imola por nós na Santa Missa”^[23].

Na Eucaristia, o Senhor nos mostra, verdadeiramente, um amor que chega “*até o extremo*” (Jo 13,1), um amor que não conhece medida^[24].

Por isso, o santo do ordinário compreendia-a como uma loucura de amor, e fazia inclusive uma comparação audaz: “Nenhum enamorado diz que não tem tempo para estar com o ser querido ou que tem pressa. Nossos pais não tinham problemas de tempo para estar sempre juntos, porque estavam enamorados”^[25]. E continuava aconselhando: “Não se importem de usar os exemplos do amor humano, nobre e limpo, para as coisas de Deus. Se amamos o Senhor com este coração de carne – não temos outro – não haverá pressa para terminar o encontro amoroso com ele”^[26].

3. Ir ao encontro de amor

Se a Eucaristia é um encontro de amor, então a preparação interior é um aspecto importante. Inclusive também a exterior, como indica o fundador do Opus Dei lembrando cenas da infância: “Lembro-me do modo como as pessoas se preparavam para comungar: havia esmero em preparar bem a alma e o corpo. As melhores roupas, o cabelo bem penteado, o corpo fisicamente limpo, talvez até com um pouco de perfume... Eram delicadezas próprias de pessoas enamoradas, de almas finas e retas, que sabiam pagar o Amor com amor”^[27]. Em *Forja*, esta preparação externa converte-se em uma imagem do que acontece no âmbito espiritual: “Temos de receber o Senhor na Eucaristia, como aos grandes da terra, melhor: com adornos, luzes, roupas novas... – E se me perguntares que limpeza, que adornos e que luzes hás de ter, responder-te-ei: limpeza nos teus sentidos, um por um; adorno nas

tuas potências, uma por uma; luz em toda tua alma”^[28].

Ao iniciar a Santa Missa, a consciência de achar-se na presença da Trindade suscitava em São Josemaria um amor e admiração que o levavam a penetrar com intensidade na liturgia. Cada detalhe ganhava um significado particular para ele. Dirigia-se ao altar com alegria, “porque Deus está presente. É a alegria que, unida ao reconhecimento e ao amor, se manifesta no beijo que se dá à mesa do altar, símbolo de Cristo e memória dos santos: um espaço pequeno e santificado, porque nessa ara se confecciona o Sacramento da infinita eficácia”^[29]. Por isso ele confessava: “Beijo o altar com paixão. Penso que ali se renova o Sacrifício do Calvário; e ali o Pai, o Filho e o Espírito Santo derramam-se sobre a humanidade... Enchei-vos de desejos de amor, de reparação e de sacrifício. Ele

concedeu-nos o seu amor, e amor com amor se paga. Ninguém me venha dizer que Deus está longe: está bem metido dentro de cada um de nós”^[30].

Diante desse encontro com a grandeza e a bondade infinita de Deus, que acontece na liturgia, São João Paulo II dizia, “a atitude apropriada não pode ser senão uma atitude impregnada de reverência e sentido de estupor, que brota de saber-se na presença da majestade de Deus”^[31]. Estamos diante de Deus, chamados a ser seus filhos, convocados à sua presença enquanto esperamos ser transformados no Filho por obra do Espírito Santo. Não é lógico experimentar o desejo de examinar a própria vida, pedir o dom da conversão contínua?

A recitação do *Confiteor*, prossegue o fundador do Opus Dei “coloca-nos perante a nossa indignidade; não é a

recordação abstrata da culpa, mas a presença, bem concreta, dos nossos pecados e das nossas faltas. Por isso repetimos: *Kyrie eleison, Christe eleison*, Senhor, tende piedade de nós; Cristo tende piedade de nós. Se o perdão de que necessitamos estivesse em função dos nossos méritos, nasceria agora na nossa alma uma amarga tristeza. Mas, graças à bondade divina, o perdão vem-nos da misericórdia de Deus, a quem já louvamos – Glória! – *porque só Vós sois o Santo, só Vós o Senhor, só Vós o Altíssimo, Jesus Cristo, com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai*”^[32].

4. Iniciar um diálogo de amor

A oração coleta termina com as palavras que São Josemaria gostava tanto de repetir pois lhe recordavam que a Trindade inteira atua no santo Sacrifício do Altar: *Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho – dirigimo-nos ao Pai – na unidade do Espírito. A*

seguir começa a Liturgia da Palavra na qual nos encontramos diante de um verdadeiro discurso que espera e requer uma resposta. Este momento da celebração tem, com efeito, um caráter de proclamação e de diálogo: Deus que fala a seu povo o qual responde e torna sua esta *palavra divina* por meio do silêncio, do canto; adere a ela professando sua fé na *professio fidei*, e cheio de confiança recorre ao Senhor com suas petições^[33].

“Impressionava muito – recorda Dom Javier, testemunha de tantas celebrações eucarísticas do fundador – o tom em que lia os textos litúrgicos, com a nitidez própria de quem os pronuncia ao mesmo tempo com os lábios e com o coração. Compenetrava-se de tal forma com esses textos, concretamente nas leituras, que – se assistiam outras pessoas – não se continha e, quando acabava de ler o Evangelho,

exteriorizava os seus sentimentos numa homilia”^[34]. Vivia, pois, realmente, as considerações que fazia sobre esta parte da Santa Missa: “Ouvimos agora a Palavra da Escritura, a Epístola e o Evangelho, luzes do Paráclito, que fala com voz humana para que a nossa inteligência saiba e contemple, para que a vontade se robusteça e a ação se cumpra”^[35]. Este *cumprimento da ação* nada mais é do que “a dimensão performativa da Palavra celebrada: a liturgia realiza a atualização perfeita dos textos bíblicos, e o que a Palavra anuncia é realizado pelo sacramento”^[36].

“A primeira exigência para uma boa celebração – ensina Bento XVI – é que o sacerdote entre realmente neste diálogo. Anunciando a Palavra, sente-se ele mesmo em diálogo com Deus. É ouvinte da Palavra e anunciador da Palavra, no sentido de que se torna instrumento do Senhor

e procura compreender esta Palavra de Deus que depois se deve transmitir ao povo. É um diálogo com Deus, porque os textos da Santa Missa não são textos teatrais ou algo semelhante, mas são orações, graças às quais, juntamente com a assembleia, falo com Deus”^[37].

Cabe afirmar que esta *ruminatio* é conatural à compreensão que São Josemaria tem dos textos litúrgicos, e em especial da Palavra de Deus proclamada na Liturgia da Palavra, que se converte em oração e se projeta na vida. “Não é estranho, pois, que as suas homilias e escritos tragam abundantes comentários à *lex orandi*, cuja vivacidade corresponde à profundidade bíblica e litúrgica da sua experiência celebrativa. Em algumas passagens, seu estilo evoca a mistagogia dos Padres da Igreja”^[38].

5. Encontro de amor entre Cristo e sua Igreja

“Somos um só povo que confessa uma só fé, um Credo; um povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”^[39]. Estas palavras levam-nos a dar mais um passo. A identificação com os sentimentos de Cristo implica uma progressiva transformação nele por meio da oração, mas como aprender a rezar? A resposta é clara: rezando com outros. Em realidade não cabe separar Deus Pai do seu Povo: “cada vez que clamamos e dizemos: *Abbá! Pai!*, é a Igreja, toda a comunhão dos homens em oração, que sustenta a nossa invocação, e a nossa invocação é a invocação da Igreja”^[40]. Só Jesus pode dizer ‘meu Pai’. Todos nós nos dirigimos a Deus como Pai, sempre em comunhão com aquele *nós* que Jesus inaugurou, tornando possível pelo Batismo que sejamos filhos no Filho.

A própria liturgia nos mostra de modo palpável esta realidade. Quando o sacerdote se afasta do ambão ou da sede, para situar-se no altar – centro da liturgia eucarística^[41] – todos se preparam de um modo mais imediato para a oração comum que sacerdote e povo dirigem ao Pai, por Cristo no Espírito Santo^[42]. Neste momento da celebração, o sacerdote fala ao povo unicamente nos diálogos a partir do altar^[43], pois a ação sacrificial que ocorre na liturgia eucarística não se dirige principalmente à comunidade. Sacerdote e povo não oram um diante do outro, mas diante do único Senhor. De fato, todos, o sacerdote – como representante de toda a Igreja – e os fiéis, estão, espiritual e interiormente, *versus Deum per Iesum Christum*. Entendemos assim melhor a exclamação da Igreja antiga: “*Conversi ad Dominum*”^[44].

A posição da cruz no centro do altar indica, concretamente, a centralidade do crucifixo na celebração eucarística e a orientação precisa que toda a assembleia é chamada a manter durante a liturgia eucarística: não nos olhamos uns aos outros, mas olhamos aquele que nasceu, morreu e ressuscitou por nós, o Salvador. Situa-se neste marco a disposição que São Josemaria já descrevia nos inícios de 1935: “A Santa Cruz e a ara – totalmente isolada a mesa do altar – ocupem o lugar principal”^[45]. É a Cristo, de quem provém toda a salvação, o sol que surge, que todos devemos dirigir o olhar, e de quem havemos de receber o dom da graça^[46]. Como destaca com simplicidade o Papa Francisco: “sobre a mesa há uma cruz, que indica que sobre este altar oferece-se o sacrifício de Cristo: Ele é o alimento espiritual que lá se recebe, sob o signo do pão e do vinho”^[47].

Na medida em que compreendermos esta estrutura, em que assimilarmos as palavras da liturgia, entraremos em consonância interior e estaremos *com* a Igreja em colóquio com Deus. Na celebração dos sacramentos o sacerdote fala com Cristo e através dele com o Deus trino, e reza assim *com e pelos* outros. Como insiste São Josemaria: “Levar os homens à glória eterna no amor de Deus: essa é a nossa aspiração fundamental ao celebrar a Missa, como foi a de Cristo ao entregar sua vida no Calvário”^[48].

Podemos afirmar, sem temer equívocos, que o cristão, pela comunhão dos santos, nunca está sozinho, isso fica evidente de modo contínuo na liturgia. “*Orate, fratres* – reza o sacerdote – porque esse sacrifício é meu e vosso, de toda a Santa Igreja. Orai, irmãos, mesmo que sejam poucos os que se encontram reunidos, mesmo que esteja materialmente presente um só

cristão, ou apenas o celebrante, porque qualquer Missa é o holocausto universal, o resgate de todas as tribos e línguas e povos e nações (cfr. Ap V, 9)”^[49]. Na Oração eucarística, esta universalidade adquire a sua verdadeira amplitude: “A terra e o céu se unem para entoar com os Anjos do Senhor: *Sanctus, Sanctus, Sanctus...* Eu aplaudo e louvo com os Anjos. Não me é difícil, porque sei que me encontro rodeado por eles quando celebro a Santa Missa. Estão adorando a Trindade. Como sei também que, de algum modo, intervém a Santíssima Virgem, pela sua íntima união com a Santíssima Trindade e porque é Mãe de Cristo, da sua Carne e do seu Sangue, Mãe de Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem”^[50].

Entendemos assim que o cristão não pode rezar a Deus de modo autêntico se viver espiritualmente isolado dos

outros, sem abrir-se aos outros. “A fé cristã não é nunca mera relação subjetiva ou pessoal – privada com Cristo e sua palavra, mas é inteiramente concreta e eclesial”^[51]. Por isso nenhum cristão ora sozinho: o Espírito Santo o acompanha sempre. Sua oração é sempre em dupla e em grupo: ressoa sempre nela a invocação da Igreja na *epiclese* contínua a seu Senhor. Por isso “viver a Santa Missa é permanecer em oração contínua, é convencer-se de que representa para cada um de nós um encontro pessoal com Deus, em que adoramos, louvamos, pedimos, damos graças, reparamos os nossos pecados, nos purificamos e nos sentimos uma só coisa em Cristo com todos os cristãos”^[52].

Este sentido da unidade informa toda a vida de cada fiel: “Devemos, pois, ser esforçados na nossa vida interior e no desenvolvimento das virtudes cristãs, mas pensando no bem de

toda a Igreja”^[53]. A oração eucarística é um exemplo eloquente desta abertura do coração para com as intenções da Esposa de Cristo presente em toda a terra: “Assim se entra no *Canon*, com a confiança filial que nos leva a chamar *clementíssimo* ao nosso Pai-Deus. Pedimos-lhe pela Igreja e por todos na Igreja: pelo Papa, pela nossa família, pelos amigos e companheiros. E o católico, que tem coração universal, pede pelo mundo inteiro, porque nada pode ficar à margem do seu zelo vibrante”^[54].

Ao longo da oração eucarística voltamos, em diversos momentos, à petição, e às vezes recorremos aos santos, pedindo sua intercessão. “E para que a oração seja acolhida, evocamos e entramos em comunicação com a gloriosa sempre Virgem Maria e com um punhado de homens que foram os primeiros a seguir Cristo e por Ele morreram”^[55].

E com a intercessão, a petição: “Mais pedidos, porque nós, homens, estamos quase sempre inclinados a pedir: agora pelos nossos irmãos defuntos e por nós mesmos. Aqui evocamos também todas as nossas infidelidades, as nossas misérias. A carga é grande, mas Ele quer levá-la por nós e conosco”^[56].

Aproxima-se o instante da Consagração. Renova-se agora “a infinita loucura divina ditada pelo Amor”^[57]. Estamos no vértice da oração eucarística, como indica a *Instrução Geral do Missal Romano*: “mediante as palavras e gestos de Cristo, realiza-se o sacrifício que o próprio Cristo instituiu na última Ceia, quando ofereceu o seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho e os deu a comer e a beber aos Apóstolos, ao mesmo tempo que lhes confiou o mandato de perpetuar este mistério”^[58].

O sacerdote junta as mãos e pronuncia com clareza as palavras do Senhor tal e como a natureza das mesmas o requer^[59]. Especialmente neste momento da celebração, o sacerdote atua *in persona Christi*, o que “o que quer dizer "em nome", ou então "nas vezes" de Cristo. "In persona": isto é, na específica e sacramental identificação com o "Sumo e Eterno Sacerdote", que é o Autor e o principal Sujeito deste seu próprio Sacrifício, no que não pode, na verdade, ser substituído por ninguém”^[60]. Trata-se para São Josemaria de uma realidade diáfana: “Sou, de um lado, um fiel como os outros; mas sobretudo sou Cristo no Altar! Renovo incruentamente o divino sacrifício do Calvário e consagro *in persona Christi*, representando realmente a Jesus Cristo, porque lhe empresto meu corpo e minha voz e minhas mãos, meu pobre coração, tantas vezes

manchado, que quero que ele purifique”^[61].

“Termina o Canon com outra invocação à Santíssima Trindade: *Per Ipsum, et cum Ipso, et in Ipso...* , por Cristo, com Cristo e em Cristo, nosso Amor, a Vós, ó Pai Todo-Poderoso, seja dada toda a honra e toda a glória, agora e para sempre na unidade do Espírito Santo”^[62].

Recordamos outra vez que estamos dentro da corrente trinitária de amor de Deus pelos homens que é a Eucaristia. O cânon conclui dirigindo à Trindade uma oração de louvor, “a forma de oração que reconhece o mais imediatamente possível que Deus é Deus! Canta-o pelo que Ele mesmo é, dá-lhe glória, mais do que pelo que Ele faz, por aquilo que Ele É. Participa da bem-aventurança dos corações puros que o amam na fé antes de o verem na Glória”^[63]. Se bem que seja certo que toda a celebração eucarística é uma grande

ação de graças dirigida à Santíssima Trindade, a doxologia final da oração eucarística resume e concentra a totalidade deste louvor.

Por sua vez, o gesto de elevar a patena e o cálice pretende apresentar ao Pai, para oferecê-la, a grande Vítima imolada: Cristo, a expressão suprema da honra e da glória devidas a Deus. A fórmula da doxologia final mostra, de fato, que toda oração de louvor “só é possível através de Cristo: Ele une os fiéis à sua pessoa, ao seu louvor e à sua intercessão, de sorte que o sacrifício de louvor ao Pai é oferecido *por* Cristo e *com* ele para ser aceito *nele*”^[64].

São Josemaria afirmava nesta mesma linha: “No Santo Sacrifício do Altar, o sacerdote toma o Corpo do nosso Deus e o Cálice com o seu Sangue, e levanta-os sobre todas as coisas da terra, dizendo: *‘Per Ipsum, et cum*

Ipso, et in Ipso, pelo meu Amor, com o meu Amor, no meu Amor! – Une-te a este gesto. Mais: incorpora essa realidade na tua vida”^[65]. As últimas palavras – “incorpora esta realidade na tua vida” – animam-nos a tornar efetivo este gesto ao longo da jornada^[66], porque “corresponder a tanto amor requer que haja da nossa parte uma entrega total do corpo e da alma”^[67].

6. A comunhão: quando o encontro se torna adoração e união

Parte essencial da Missa é a Comunhão. São Josemaria recomenda-a frequentemente em sua pregação^[68]. Já em 1931, ao indicar a praxe que deveriam seguir os que se incorporassem ao Opus Dei, escreveu que “receberão normalmente a Sagrada Comunhão dentro da Missa, porque esse é o sentir da liturgia”^[69]. São ainda da mesma época as seguintes palavras: “a comunhão

dentro da Missa é a regra, não a exceção. *Intra Missam* e com hóstias consagradas na Missa. ‘O que Deus uniu, o homem não o separe’. O sacrifício unido ao Sacramento. Por que separá-los sem uma causa razoável?”^[70] —

A finalidade do rito de comunhão é que os fiéis, devidamente preparados, recebam o *Pão do céu* e o *Cálice da salvação*, o Corpo e o Sangue de Cristo que se entregou para a vida do mundo^[71].

Proporcioná-lo é o objetivo dos três momentos de preparação imediata: o Pai Nosso, o gesto de paz e a ação simbólica da fração do pão.

São Josemaria refere-se ao *Pai Nosso*, dizendo: “Jesus é o Caminho, o Medianeiro: n’Ele, tudo; fora d’Ele, nada. Em Cristo e ensinados por Ele, atrevemo-nos a chamar Pai Nosso ao Todo Poderoso: Aquele que fez o céu e a terra é esse Pai entranhável que

espera que voltemos para Ele continuamente, cada um como um novo e constante filho pródigo”^[72]. Estas palavras introduzem-nos diretamente na realidade da Comunhão que aumenta nossa união com Cristo, une-nos a ele separando-nos do pecado e constrói a Igreja^[73]. Unir-nos a Cristo e por Ele a todos os irmãos; filiação em Cristo e fraternidade: sentimentos presentes ao longo de toda a celebração eucarística.

Senhor, eu não sou digno deque entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo, esta oração antes da comunhão é sinal de contrição, de uma dor de amor que adora, que lança a luz sobre o que acontece nesse momento: “Não é que na Eucaristia nós simplesmente recebemos uma coisa qualquer. Ela é o encontro e a unificação de pessoas; porém a pessoa que vem ao nosso encontro e deseja unir-se a nós é o

Filho de Deus. Tal unificação somente pode realizar-se segundo o modo de adoração. Receber a Eucaristia significa adorar Aquele que recebemos. Precisamente assim e somente assim nos tornamos um só com Ele”^[74]. O fundador do Opus Dei propõe, por isso, uma comparação expressiva: “Quando na terra se recebem pessoas investidas em autoridade, preparam-se luzes, música, trajes de gala. Para hospedarmos Cristo na nossa alma, de que maneira não deveremos preparar-nos? Já nos ocorreu pensar como nos comportaríamos, se só pudéssemos comungar uma vez na vida?”^[75].

A Santa Missa termina: “Com Cristo na alma, termina a Santa Missa. A benção do Pai, do Filho e do Espírito Santo acompanha-nos durante todo o dia, na nossa tarefa simples e normal de santificar todas as nobres atividades humanas”^[76]. Aranda

glosa esta consideração assim: “Com simplicidade e espontaneamente, vem repetidas vezes à mente e à pena do autor a formulação de sua doutrina fundamental, fruto dos dons fundacionais impressos por Deus em sua alma: a chamada de todos os fiéis cristãos à santidade em seu próprio estado e circunstâncias de vida, e em particular a vocação – missão dos fiéis leigos de santificar todas as nobres atividades humanas. Qualifica-a de tarefa simples e normal, já que não sai dos caminhos da vida profissional e social comum, mas deve se desenvolver no interior dos deveres e obrigações de cada um”^[77].

A Santa Missa projeta-se de alguma forma, em toda a vida dos fiéis. “Muito unidos a Jesus na Eucaristia, conseguiremos uma contínua presença de Deus, em meio às ocupações normais próprias da situação de cada um neste peregrinar

terreno, procurando o Senhor em todos os momentos e em todas as coisas”^[78]. Esta coerência cristã que as celebrações litúrgicas requerem foi recordada pelo Papa Francisco: “Celebrar o verdadeiro culto espiritual quer dizer entregar-se a si mesmo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (cfr. Rm 12, 1). Uma liturgia separada do culto espiritual correria o risco de esvaziar-se, de perder sua originalidade cristã e cair em um sentido sagrado genérico, quase mágico, e em um esteticismo vazio. Sendo ação de Cristo, a liturgia impulsiona a partir de dentro a revestir-se dos mesmos sentimentos de Cristo, e neste dinamismo toda a realidade se transfigura”^[79].

Este breve percurso que fizemos da liturgia da Santa Missa guiados por São Josemaria ajuda-nos a compreender porque ele afirmava: “Assistindo à Santa Missa, aprendemos a privar com cada uma

das Pessoas divinas”^[80]. Na celebração, os fiéis podem se dirigir ao Pai, em Cristo pela ação do Espírito Santo: neste diálogo com as Pessoas divinas, sua vida cristã cresce. Um diálogo ao qual convida cada gesto e palavra própria do rito, e que ganham assim um significado especial. Vemo-nos estimulados a zelar por eles com atenção, com anseio de seguir este caminho de amor. "Não ama a Cristo quem não ama a Santa Missa, quem não se esforça por vivê-la com serenidade e sossego, com devoção e carinho. O Amor converte os enamorados em pessoas de sensibilidade fina e delicada; leva-os a descobrir, para que se esmerem em vivê-los, pormenores às vezes insignificantes, mas que trazem a marca de um coração apaixonado”^[81]

[1] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 84.

[2] Cfr Gl 2,20.

[3] A respeito do modo como São Josemaria compreendia esta identificação através da Eucaristia, cfr. Ángel García Ibáñez, “Eucaristia” em José Luis Illanez (coord.), *Diccionario de San Josemaria Escrivá de Balaguer*, Ed. Monte Carmelo, Burgos, 2013, p. 463

[4] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 88

[5] Percebe-se neste aspecto uma sintonia de fundo entre o pensamento de São Josemaria e o ensinamento de Bento XVI: “Aprendemos também o que significa celebrar a Eucaristia de maneira adequada: trata-se de um encontro com o Senhor, que por nós se despoja da sua glória divina, se deixa humilhar até à morte de Cruz e assim

se entrega a si mesmo a todos, a cada um de nós. É muito importante para o sacerdote a Eucaristia cotidiana, na qual se expõe sempre de novo a este mistério; coloca-se sempre de novo nas mãos de Deus, experimentando ao mesmo tempo a alegria de saber que Ele está presente, me acolhe, me anima, me carrega sempre de novo e me dá a mão, entregando-se a si mesmo a mim. A Eucaristia deve tornar-se para nós uma escola de vida, onde aprendemos a doar a nossa própria vida”. Bento XVI, *Homilia* em uma ordenação sacerdotal, 7/05/2006.

[6] Ernst Burkhardt – Javier López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaria. Estudio de teología espiritual*, Rialp, Madri, 2010, vol. I, p. 555.

[7] Como já foi dito, esta homilia foi publicada no livro *É Cristo que passa*; compreende os nn. 83-94. Sobre a

história da redação desta homilia pode-se consultar as pp. 485-490 da *Edición crítico-histórica* elaborada por Antonio Aranda (vid. Nota 1).

[8] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 88

[9] Cfr. São Josemaria, *Caminho. Edição comentada por Pedro Rodríguez, Quadrante, São Paulo, 2014, n. 529, página 580.*

[10] Cfr. José Antonio Abad, “Liturgia y vida espiritual”, em José Luis Llanes (Coord), *Diccionario de san Josemaria Escrivá de Balaguer*, p. 757.

[11] Pio XII, Carta encíclica *Mediator Dei*.

[12] Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum concilium*, n. 7. A mesma ideia foi anotada no Catecismo da Igreja Católica, nn. 1070, 1089. É interessante notar que o texto latino diz: “*Merito igitur*

Liturgia habetur veluti Iesu Christi sacerdotalis muneris exercitatio, in qua per signa sensibilia significatur et modo singulis proprio

efficitur...”Entendemos que o antecedente de *qua é exercitatio* e assim fica claro que as ações litúrgicas constituem exercício do sacerdócio de Cristo por meio de sinais sensíveis.

[13] Cfr. Félix María Arocena, “Liturgia: visión general”, em José Luis Llanes (coord.) *Diccionario de san Josemaria Escrivá de Balaguer*, p. 747.

[14] São João Paulo II, Carta Apost. *Vicesimus quintus annus*, 4/12/1988, n. 7.

[15] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1153.

[16] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum concilium*, n. 33.

[17] São Josemaria, *Caminho*, n. 543.

[18] Félix María Arocena, “Liturgia: Visión general”, em José Luis Llanes (coord.), *Diccionario de san Josemaria Escrivá de Balaguer*, p. 749

[19] Cfr. São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 85.

[20] Ernst Burkhardt – Javier López. *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaria*, vol. I, p. 556.

[21] Concilio de Trento, Decr. *De SS. Eucharistia*, cân. 1: DH, 1651; Cfr. cap. 3: DH, 1641.

[22] São João Paulo II, Carta Apost. *Mane nobiscum Domine*, 7/10/2004, n. 16.

[23] Javier Echevarría, Carta 6/10/2004, n. 5.

[24] Cfr. São João Paulo II, Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 17/09/2003, n. 11.

[25] São Josemaria, *Anotações de uma reunião familiar*, 6/01/1972.

[26] São Josemaria, “Sacerdote para a eternidade”, em *Amar a Igreja..*

[27] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 91.

[28] São Josemaria, *Forja*, n. 834.

[29] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 88.

[30] Javier Echevarría, *Recordações sobre Mons. Escrivá*, Editora Quadrante, São Paulo, 2001.

[31] São João Paulo II, *Discurso à Plenária da Congregação para o Culto Divino e a disciplina dos sacramentos*, 21/09/2001.

[32] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 88.

[33] Cfr. Missal Romano, “Instrução Geral do Missal Romano”, n. 55. Daqui em diante IGMR.

[34] Javier Echevarria, Recordações sobre Mons. Escrivá, Editora Quadrante, São Paulo, 2001.

[35] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 89.

[36] Félix María Arocena, “Liturgia: visão geral”, em José Luis Llanes (coord, *Diccionario de san Josemaria Escrivá de Balaguer*, p 753.

[37] Bento XVI, *Discurso* no encontro com os sacerdotes da diocese de Albano, 31/08/2006.

[38] Félix María Arocena, “Liturgia: visión general”, em José Luis Llanes, (coord), *Diccionario de san Josemaria Escrivá de Balaguer*, p. 748.

[39] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 89^a.

[40] Bento XVI, *Audiência geral*, 23/05/2012.

[41] Cfr. *Missal Romano*, IGMR, n. 73.

[42] Cfr. *Missal Romano*, IGMR, n. 78.

[43] Cfr. "*Pregare ad Orientem versus*", *Notitiae*. 322, vol. 29/5 (1993) 249.

[44] “Na Igreja Antiga, havia o costume de o Bispo ou o sacerdote, após a homilia, exortar os crentes exclamando: ‘*Conversi ad Dominum* – agora voltai-vos para o Senhor’. Isto significava, antes de mais, que eles se viravam para o Oriente – na direção de onde nasce o sol como sinal de Cristo que volta, saindo ao seu encontro na celebração da Eucaristia. Nos lugares onde isso, por qualquer razão, não era possível fazer-se, os crentes voltavam-se para a imagem de Cristo na ábside ou para

a cruz, a fim de se orientarem interiormente para o Senhor. Com efeito, em última análise era deste fato interior que se tratava: da *conversio*, de voltar a nossa alma para Jesus Cristo e, n’Ele, para o Deus vivo, para a luz verdadeira”. Bento XVI, *Homilia* na Vigília pascal, 22/03/2008.

[45] São Josemaria, *Instrucción*, 9-I-1935, n. 254, em AGP, série A. 3, 90-1-1; citado em Félix María Rocena, “Liturgia: visión general”, em José Luis Llanes (coord.), *Diccionario de san Josemaria Escrivá de Balaguer*, p. 750.

[46] Bento XVI insistiu neste ponto. Em 2002, o então Cardeal Joseph Ratzinger afirmava que “a representação do sacerdote se realiza no ato sacramental, no qual com respeito e estremecimento pode-se falar e atuar em nome de Cristo, mas isto não quer dizer que devamos

olhar para o sacerdote, como se ele fosse em sua figura física um ícone de Cristo. Ele deve tentar tornar-se tal por sua vida, e precisamente para isso, ele, junto com os fiéis, olhe para Cristo para poder imitá-lo. O traslado da representação de Cristo para a forma física do sacerdote, que Padre Farnés e outros nos oferecem, leva à falsa divinização do sacerdote, da qual deveríamos livrar-nos o quanto antes. Não, é cada vez mais insuportável para mim ver como se deixa a cruz a um lado para que se possa ver o sacerdote. O caráter essencial da Igreja como uma procissão, como um caminhar orante rumo ao Senhor, fica assim obscurecido de modo inadequado”. Joseph Ratzinger, “resposta do cardeal Joseph Ratzinger a Père Farnés”, *Phase* 252 (2002) – 511-512.

[47] Francisco, *Audiência geral*, 5-II-2014.

[48] São Josemaria, “Sacerdote para a eternidade”, em *Amar a Igreja*, 80.

[49] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 89.

[50] *Ibid.* Em outro momento, faz uma consideração similar, envolvendo inclusive toda a criação neste movimento de louvor: “quando celebro a Santa Missa só com quem me ajuda, também está lá o povo. Sinto junto de mim todos os católicos, todos os crentes e também os que não creem. Estão presentes todas as criaturas de Deus – a terra e o céu e o mar e os animais e as plantas – a Criação inteira dando glória ao Senhor. E especialmente, direi com palavras do Concílio Vaticano II, unimo-nos em sumo grau ao culto da Igreja celestial, comunicando e venerando sobretudo a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, de São José, dos santos Apóstolos e Mártires e de todos os santos”. São

Josemaria “Sacerdote para a eternidade”, em *Amar à Igreja*, p. 75.

[51] Joseph Ratzinger, *Convocados en el camino de la fe*, Ed. Cristiandad, Madri, 2004, p. 172.

[52] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 88.

[53] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 145.

[54] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 90. É a oração de intercessão que, em palavras do Papa Francisco “estimula-nos particularmente à entrega evangelizadora e nos motiva a procurar o bem dos outros (...). Interceder não nos afasta da verdadeira contemplação, porque a contemplação que deixa de fora os outros é um engano”. FRANCISCO, Ex. apost. *Evangelii Gaudium*, 24/11/2013, n. 281.

[55] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 90.

[56] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 90.

[57] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 90.

[58] *Missal Romano*, IGMR, n. 79d.

[59] O Papa Paulo VI sugeriu, em 22 de janeiro de 1968, esta rubrica sobre o modo de pronunciar as palavras do Senhor (Cfr. Annibale Bugnini, *La reforma de la liturgia* (1948-1975), 408, nota 15). Deste modo “sublinhasse a transcendência do momento da consagração, a expressividade e a diferença destas palavras com relação às outras, como vértice que são de toda a oração eucarística e, inclusive, de toda a celebração”. Félix María Arocena, *En el corazón de la liturgia. La celebración eucarística*, Palabra, Madri, 1999, p. 178.

[60] São João Paulo II, Carta *Dominicae Cenaе*, 24/02/1980, n. 8.

[61] São Josemaria “Sacerdote para a eternidade”, em *Amar a Igreja*, p. 74.

[62] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 90.

[63] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2639.

[64] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1361.

[65] São Josemaria, *Forja*, n. 541.

[66] Ernst Burkhardt – Javier López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaria*, vol. I, p. 557.

[67] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 87.

[68] Cfr. José Antonio Abad, “Liturgia y vida espiritual”, em José Luis Illanes

(coord.), *Diccionario de san Josemaria Escrivá de Balaguer*, pp. 758-759.

[69] São Josemaria, *Apuntes íntimos*, Cuaderno V, n. 496, 23/12/1931; citado em *Caminho. Edição comentada por Pedro Rodríguez*, comentário ao n. 536, p. 588.

[70] *Ibid*, p. 587.

[71] Cfr. *Missal Romano*, IGMR, n. 80.

[72] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 91.

[73] “Os que recebem a Eucaristia estão unidos mais intimamente a Cristo. Por isso mesmo, Cristo os une a todos os fiéis em um só corpo, a Igreja”, *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1396.

[74] Bento XVI, *Discurso à Cúria romana*, 22/12/2005.

[75] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 91.

[76] Ibid, n. 91.

[77] São Josemaria, *Es Cristo que pasa*, Edición crítico-histórica, comentário ao n. 91d, p. 512

[78] São Josemaria, *Carta 2/02/1945*, n. 11, citada em Ernst Burkhardt – Javier López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaria*, vol. I, pp. 565-566

[79] Francisco, Mensagem aos participantes no Simpósio “*Sacrosanctum Concilium*, Gratidão e compromisso por um grande movimento eclesial”, 18/02/2014.

[80] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 91.

[81] Ibid, n. 92.

Juan José Silvestre

Manuel Silveira

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/aprender-a-
tratar-a-deus-na-missa/](https://opusdei.org/pt-br/article/aprender-a-tratar-a-deus-na-missa/) (19/03/2026)